



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE FILOSOFIA

**ANDRE LEANDRO DE SOUZA**

**O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

Campina Grande - PB

2017

**ANDRE LEANDRO DE SOUZA**

**O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado como requisito para a obtenção do  
título de Licenciatura Plena em Filosofia, na  
Universidade Estadual da Paraíba.  
Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira

Campina Grande – PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S719e Souza, André Leandro de  
O ensino de filosofia no ensino médio [manuscrito] / André  
Leandro de Souza. - 2017.  
21 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.  
"Orientação: Prof. Dr. Valmir Pereira, Departamento de  
Filosofia".

1.Práticas pedagógicas. 2. Didática. 3. Filosofia. I. Título.  
21. ed. CDD 371.102

ANDRE LEANDRO DE SOUZA

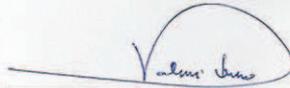
O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Filosofia, na Universidade Estadual da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira

Aprovada em: 27/07/2017.

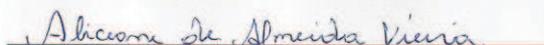
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valmir Pereira (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Janduí Evangelista de Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof<sup>a</sup>. Ma. Aliceane de Almeida Vieira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a **Deus**, por me dar forças para vencer todos os obstáculos para chegar até este dia, pois as dificuldades foram inúmeras e mesmo assim ele nunca me abandonou.

Em especial, gostaria de dedicar esse trabalho a duas pessoas fundamentais em minha vida, que hoje moram no céu e são responsáveis por me tornar o homem que hoje eu sou, meus avós **Natanael e Rita**, sei que a conclusão desse curso honra a memória deles que sempre desejaram o melhor para em minha vida.

A minha esposa, amiga e companheira **Juliana Souza**, pela dedicação, carinho e amor em toda essa jornada sempre me apoiando e estando ao meu lado; e a minha linda e amada filha **Fernanda Souza**, que ao longo dos seus 4 anos de idade me inspira a ser um homem melhor a cada dia.

A minha mãe **Rosane Leandro**, a quem devo as minhas vitórias, essa mulher forte e incrível, que lutou todos esses anos ao meu lado para me tornar uma pessoa melhor a cada dia; ao meu pai **Edson Hilário** por todo suporte escolar e por ser espelho de perseverança, trabalho e dedicação.

Aos meus irmãos **Eduardo Souza, Keyla Souza**, e em especial a **Isis Leandro** que tive o prazer de acompanhar seu nascimento e crescimento, compartilhando das suas alegrias e vitórias.

Ao meu amigo **Lucemberg Dutra**, pela amizade, companheirismo e suporte ao longo de todos esses anos, que hoje além de meu amigo é também meu irmão e padrinho.

Ao meu orientador e amigo Professor **Valmir Pereira**, que me acompanhou, guiou e deu todo suporte na produção do meu trabalho, e a banca composta pelos professores **Janduí Evangelista de Oliveira e Aliceane de Almeida Vieira** pela presença e as suas contribuições ao meu trabalho.

E de forma geral, a **todos** aqueles que de forma direta ou indireta colaboraram para a elaboração e conclusão desse trabalho.

# O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

ANDRE LEANDRO DE SOUZA<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os pontos observados nas aulas assistidas e ministradas, trazendo consigo uma crítica referente aos métodos de ensino, condições do ensino, presença do professor em sala de aula, didática e disposição dos alunos com as questões filosóficas. A visão a respeito da filosofia vem passando por modificações e aos poucos volta as grades curriculares das escolas, tarefa árdua para o professor e que deve ser encarada como um grande desafio, pois a matéria de filosofia vem sendo muito maltratada nas escolas tanto no âmbito escola-professor quanto no âmbito professor-aluno. As críticas com relação a filosofia no ensino médio devem ser combatidas com o bom desempenho do professor com relação ao pensamento crítico, reflexões filosóficas, questionamento de temas diversos entre outros aspectos que a filosofia contribui com relação a construção do pensamento. Com base nisto foi analisado os aspectos didáticos e pedagógicos utilizados pelo professor ao ministrar suas aulas e relacionado com a didática estudada atualmente, as vivências em sala de aula foram analisadas como reflexo do trabalho feito ao longo do ano e observar se o método de ensino atingiu os objetivos do professor.

**Palavras chaves:** Filosofia. Ensino. Escola.

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.

E-Mail: prof.andresouza@hotmail.com

## **SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO ANALISADO .....</b>	<b>7</b>
<b>3 O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO .....</b>	<b>8</b>
<b>4 REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA .....</b>	<b>11</b>
<b>5 RECOMENDAÇÕES METODOLÓGICAS .....</b>	<b>14</b>
5.1 ENSINO SEM COMPROMISSO.....	14
5.2 DINAMISMO DO ENSINO .....	15
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>19</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na proposta da educação escolar, existe uma importância dada às disciplinas que revelam um compromisso em garantir o acesso aos conhecimentos elaborados socialmente, pois estes são responsáveis em condicionar o desenvolvimento, a socialização, o exercício da cidadania e a atuação no sentido de reformular os conhecimentos, as imposições de crenças e valores.

No convívio em sala de aula voltadas ao ensino médio durante o período de Estágio Supervisionado, houve inúmeros questionamentos a se tratar a partir do que foi observado e analisado com relação a comportamento, didática de ensino, espaço físico, Projeto Político Pedagógico da escola e seu comprometimento com o ensino. Por meio da educação estamos tratando do ato de educar, orientar, acompanhar, nortear, mas também o de trazer de "dentro para fora" as potencialidades do indivíduo.

Partindo do convívio das aulas assistidas em estágio voltadas para o EJA (Ensino de Jovens e Adultos), houve inúmeros questionamentos a se tratar a partir do que foi visto e analisado com relação a comportamento, didática de ensino, espaço físico, P.P.P. da escola e seu comprometimento com o ensino entre outros aspectos.

A abordagem se norteou pela problematização acerca do diagnóstico e questionamentos feitos sobre as aulas de filosofia assistidas. Para alcançar o objetivo, que foi analisar como a filosofia está sendo trabalhada dentro de sala de aula, na perspectiva de um observador e problematizar as indagações que surgiram desta vivência.

Diante disso podemos vislumbrar possíveis soluções e caminhos que os professores podem tomar para sanar totalmente ou parcialmente os problemas existentes.

Este trabalho, por questões didáticas e metodológicas está organizado e dividido em três partes.

Na primeira seção apresentaremos o levantamento das questões voltadas para a didática e o dinamismo em sala de aula, ponto de concentração da maior parte das críticas.

Na segunda seção do trabalho foi exposto a relação filosofia e ensino. O terceiro e último ponto abordaremos o caráter de análise de métodos utilizados e possíveis soluções para se trabalhar a filosofia de uma forma clara e dinâmica.

## **2 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO ANALISADO**

À Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Ademar Veloso da Silveira, que é mais conhecida como Estadual de Bodocongó, surgiu em 1965, depois de uma pesquisa feita pela estagiária do Curso de Serviço Social, Senhora Dione Filgueira dos Santos, para um levantamento das necessidades sentidas pela comunidade do bairro naquela época.

Nesta pesquisa, a principal reivindicação mais urgente foi necessidade de uma escola secundária, uma vez que um grande número de alunos alegava deixar os estudos, devido à falta de recursos e a preocupação dos pais, quando do retorno dos seus filhos no horário noturno, devido a distância das escolas, que eram poucas unidades na cidade.

Então, através do resultado da pesquisa e do Departamento da Sociedade de Amigos do Bairro de Bodocongó, e diversas reuniões no Colégio Estadual de Campina Grande (PRATA), foi inaugurada a escola secundarista, que funcionava num prédio cedido pela paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, situada no mesmo bairro, trazendo um grande incentivo aos Jovens da comunidade.

Com o aumento da população do bairro, que, já naquela época tinha várias empresas, um dos empresários o Sr. Ademar Veloso da Silva, fez em 1968, a doação de um dos seus terrenos existentes no referido bairro ao Estado, para que fosse construído o Colégio Estadual de Bodocongó; a construção foi iniciada e no mesmo ano teve o seu Decreto de Criação nº 4.596/68, publicado no Diário Oficial do estado da Paraíba, dispondo com a autonomia de funcionar com o curso de primeiro grau do 5º ao 8º ano, e iniciou o curso de Ensino Médio no ano de 1990, de acordo com a Lei 13.484 de 22/12/1989.

A escola, que atende a populosa comunidade do bairro e adjacências, tem hoje aproximadamente 1.300 (Hum Mil e Trezentos Alunos) matriculados, e é motivo de muito orgulho para a comunidade, a mesma passou por reforma sendo ampliada para melhor atender a comunidade estudantil e conta atualmente com um bom espaço físico como segue: 16 salas de aulas, biblioteca, sala de vídeo, laboratório

de ciências e informática, sala de direção, sala de vice direção, secretaria e sala de professores com sanitários, três baterias de sanitários para alunos, espaço para prática de dança e teatro, arquivo morto, almoxarifado e uma quadra poli esportiva, cozinha e refeitório e um auditório.

O bairro de Bodocongó possui um elevado índice de violência e criminalidade na cidade de Campina Grande, que por vezes acarretam na depredação do espaço físico, bem como, afugentam aqueles que tentam buscar um ensino de qualidade. A cada dia o EJA que tem suas atividades em funcionamento no horário noturno, vem perdendo cada vez mais para a criminalidade e com isso diminuindo ainda mais o número de matrícula.

### **3 O ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

A educação, como sempre ocorreu e agora não é diferente, está mudando e se adequando a sociedade e as peculiaridades dos mais diversos tipos de indivíduos, deixando claro que a didática a cada dia se torna mais importante para proporcionar ao público alvo alunos, professores, palestrantes e etc. uma maior facilidade de alcançar o conhecimento. Por isso, toda e qualquer tentativa de docência deve ser acompanhada de planejamentos adequados, linguagem acessível, métodos adequados e consciência da realidade.

O modo como se trabalha a educação vem tomando formas mais humanas com o passar do tempo, elevando o ensino a uma condição de subjetivista, mudando o que o ensino de caráter tradicionalista trazia como ensino pronto e com essa nova visão a educação proporcionar ao aluno condições de debater, rever conceitos e expor opiniões, tornando-se a principal bandeira do mundo contemporâneo.

No Livro Didática Geral, escrita pelo professor Claudio Piletti, fica evidente a tentativa de adaptar a prática de ensino para as condições reais da sociedade, levando em consideração desde o conhecimento da realidade do aluno à avaliação onde será observado os resultados do esforço do professor.

Piletti afirma que “para poder planejar adequadamente a tarefa de ensino e atender às necessidades do aluno é preciso, antes de mais nada, saber para quem se vai planejar” (2010, p. 61). Atender as necessidades do aluno demanda observar a qual classe social ele pertence, qual o nível e qualidade de ensino que ele obteve até então e perceber as condições sociais as quais ele vive, para assim trazer exemplos e vivências de cotidianos que a ele seja familiar afim de facilitar a compreensão.

Só após ter compreendido e se obtiver um amplo conhecimento sobre a percepção da realidade do aluno é possível elaborar um plano de aula mais eficiente, conciso e com condições de estabelecer o que é possível alcançar.

Deste ponto em diante o professor pode e deve traçar objetivos claros com foco em alcançar suas metas, porém, como geralmente é feito, o professor elabora seu Plano de Aula antes de ter o contato com os alunos. Essa questão dificulta captar um *feedback* preciso dos indivíduos. É neste ponto que podemos enumerar as maiores críticas sobre o que foi observado no estágio, pois o grande desinteresse dos alunos e o completo descaso a respeito da disciplina de filosofia é o fato de as aulas serem tediosas para a realidade em que eles estão inseridos e o excesso de nomenclaturas que para os discentes são palavras soltas sem uma função específica ou uma proximidade com a linguagem dominante no seu cotidiano.

A assimilação por comparação é o modo de aquisição de conhecimento que gera resultados mais positivos, com os jovens e que mais os prende a atenção. O tradicionalismo em provas, seminários e aula puramente expositiva não é o grande problema dos professores. O que causa mais inquietação nos alunos é a falta de dinamismo dos professores onde o debate se torna algo positivo de se participar e não algo cansativo e esgotável. O professor por muitas vezes torna-se mediador do debate e ele deve manter o nível e o rumo da discussão quando ela tomar caminhos difusos.

Muito da realidade do aluno pode ser trazida para essas discussões em sala de aula, com o intuito de facilitar o professor e dar a ele condições de fazer com que o debate traga as questões sociais e culturais dentro do tema ao qual está sendo trabalhado.

O que fatalmente acontece é que o plano de aula do professor por muitas vezes não é concluído tal qual estava programado, porém, como já foi dito, o espaço para debate centrado no tema faz com que a difusão do conhecimento seja

apropriada de especificidades que talvez o professor não conseguisse fazer sem essas estratégias das discussões. O aluno consegue adequar melhor o conhecimento teórico no momento que ele consegue assimilar com uma realidade que a ele faz sentido.

Platão (427-347 a.C.) em seus escritos usa as metáforas para adequar a realidade do seu ouvinte ao conceito que ele expõe, a própria dualidade platônica é explicada em uma história chamada “Mito da Caverna” afim de facilitar o acesso ao conteúdo.

O mito platônico socorre-se de ações e personagens. A partir de uma situação desencadeia-se o enredo. Por isso, Platão às vezes aproxima seus mitos da fábula, da alegoria ou outras formas de narrativas. Tudo indica que sua intenção é pedagógica, pois o mito, no fim ou no meio de um diálogo, serve para esclarecer os interlocutores e permitir concentrar a reflexão no essencial. Além disso, o mito platônico não apresenta nenhuma conclusão moral. Sua eficácia está em expressar de outro modo o que é demonstrado dialeticamente. (PAVIANI,2008, p.91)

As escolas e os próprios alunos começam a ver essa didática de ensino de forma positiva, abrindo caminho para essa nova geração de formandos em licenciatura trabalhar esse tipo de ensino estimulador do pensamento.

Assim, aqueles da área de filosofia, devem assumir posição de pioneirismo neste aspecto, pois cabe ao próprio professor mudar a visão da filosofia como matéria complementar do ensino e passar a ser área de suma importância como as demais. A filosofia pode contribuir com raciocínio lógico, subjetividade, capacidade de pensamento, reflexão sobre temas, questionamentos, entendimento no homem em sociedade, cultura entre vários outros aspectos.

Pensamento crítico e raciocínio lógico são aspectos fundamentais na compreensão de qualquer informação, pois não se deve apenas adquirir todo tipo de informação sem que exista uma reflexão. O nível de criticidade dos alunos, deve ser trabalhado à medida que o conteúdo vai sendo ministrado, porém, não é difícil encontrar professores que não dedicam seu tempo para este fim, pois sua grande frustração é de que os níveis de conhecimento do aluno não atinjam as expectativas dele.

Mas a grande e intrigante questão é de que, como os alunos elevaram seus conhecimentos sendo tratados como um receptáculo vazio que deve ser preenchido?

Infelizmente, ainda temos docentes que transformam a sala de aula em um palanque de discursos prontos e leituras enfadonhas, que visam “injetar” no aluno o conhecimento que está sendo transmitido, sem se preocupar com o quanto daquele conteúdo está sendo absorvido e assimilado. Porém, ao fim de cada bimestre, aquele conjunto de conteúdos são cobrados em avaliações, que visam reconhecer o quanto o aluno “aprendeu” pressupondo que a didática foi administrada da forma adequada e de que os alunos compreenderam tudo que foi “depositado” em seus cérebros. Esta visão arcaica de ensino não é um fato tão distante da realidade, mas muito se pode fazer, dependendo apenas de quem está à frente da sala de aula.

Em toda sua estrutura de métodos narrativos e pensamentos cognitivos Platão (427-347 a.C.), foi um dos principais pensadores a utilizar de analogias, mitos e metáforas para aproximar o interlocutor ao cotidiano, tornando ainda mais fácil o entendimento do que se quer ensinar. A dialética platônica é considerada por muitos pensadores uma das melhores formas pedagógicas de ensino, pois em sua essência torna a relação aluno/ professor mais descomplicada.

Segundo Paulo Freire, “O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. ” (1996, p.96.), uma aula que desafia o aluno é capaz de cativar mais do que uma simples exposição de conteúdo.

#### **4 REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA**

Há muito tempo se fala sobre estudo da filosofia no ensino fundamental e médio. Mas o grande ponto de questionamento é “o que é Filosofia?”, esse é verdadeiramente o primeiro problema filosófico evidente, devido cada pensador responder essa questão baseado em conceitos pelos quais elabora seu pensamento.

É comum o embaraço que sentimos diante da pergunta sobre o sentido da filosofia. De certa forma, é como se nos indagassem acerca de algo que não está nem pode estar bem resolvido. Não fugimos aqui a uma resposta. Ao contrário, indicamos explicitamente, em primeiro lugar, que nenhuma pode ser ingênua, uma vez que cada resposta está comprometida com pontos de vistas eles próprios filosóficos (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA,2006, p.21).

A grande dificuldade a se enfrentar são as rotulações, como “Matemática é muito difícil”, “história é muita teoria”, biologia só fala de bicho”, “Filosofia é coisa de doido e ateu”. Rótulos como esses trazidos pelos alunos dificultam na hora de estudar filosofia, mas esse problema não cabe só aos alunos em se interessarem a estudar a matéria, e sim aos professores em diversificar o estudo da filosofia dentro de sala de aula, trazendo dinamismo as teorias.

O objetivo da disciplina filosofia não é apenas propiciar ao aluno um mero enriquecimento intelectual. Ela é parte de uma proposta de ensino que pretende desenvolver no aluno a capacidade para responder, lançando mão de conhecimento adquiridos, às questões das mais variadas situações. Essa capacidade de resposta deve ultrapassar a mera repetição de informação adquirida mas, ao mesmo tempo, apoiar-se em conhecimentos prévios. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, 2006, p.29)

Estudar carece de interesse, responsabilidade, métodos de estudo, capacidade de compreender textos e etc. Com a filosofia não é diferente, pois têm-se a necessidade dessas características básicas. Assim como a história e a geografia, a filosofia é uma matéria teórica que traz diversos “transtornos” aos alunos na hora do estudo.

De acordo com Roberto Goto em “**Que bagulho é isto filosofia?**” podemos entender que:

“a urgência, a impaciência, a insistência e a ansiedade com que eles fazem a pergunta tendem a se intensificar na medida mesma em que não recebem uma resposta imediata que possa ser prontamente assimilada” (2007. p.54).

Dessa forma surge uma necessidade quase que compulsória entre os alunos, de que o professor de filosofia seja forçado a conceituar e justificar toda a filosofia, em busca de um resumo salvador que facilitara a assimilação dos alunos, sem nenhum tipo de esforço intelectual ou reflexivo.

Atrelado ao receio, os pensamentos dos alunos a respeito da matéria sempre é de que eles terão que ler muito, escrever muito e pensar muito. De certa forma esse “medo” ou receio da filosofia é justificável, pois grandes pensadores são estudados para uma boa compreensão de “o que é a filosofia”, “como se constrói um pensamento filosófico” e etc. No entanto, esse mesmo temor deveria ser suprido pelos benefícios que as correntes filosóficas lhe proporcionaram que será um senso crítico mais apurado e uma percepção mais aguçada. Claro que o estudo do ensino atual também traz esse mesmo propósito de transformar o aluno em um ser capaz de viver em sociedade, mas falta nos estudos de hoje a compreensão filosófica do mundo antigo, médio, moderno e contemporâneo que é capaz de abrir muitas vertentes e possibilitar diversas formas de viver em sociedade.

De acordo com Goto, não é possível abreviar o caminho. O professor de filosofia não será um herói que salvará a humanidade, tão pouco irá mudar a todos, mas as características filosóficas possuem uma densidade de criticismo e pensamento muito elevados que devem ser respeitadas e trabalhadas. Com isso, fica evidente e claro a importância de o professor de filosofia ser graduado na área, ao contrário do que acontece geralmente nas aulas, onde muitos professores que assumem a matéria de filosofia são na verdade historiadores e não filósofos. Este fato é comum em muitas escolas, onde o espaço deve ser conquistado e a confiança deve ser estabelecida pelo professor de filosofia para evidenciar a importância da formação na área.

Outro fator não distante da realidade de sala de aula é a falta de estímulo e boa vontade dos professores formados na área, em ministrar as aulas de forma que leve o aluno até a filosofia, estabelecendo uma relação que faça o intermédio entre o assunto em discussão e o aluno. Esta é uma forma muito eficaz de trazer a filosofia para o cotidiano escolar, bem como dos alunos.

Pensar filosoficamente é refletir, voltando o pensamento para e sobre nós mesmos, para e sobre o próprio pensamento. E na medida mesma em que é um refletir, um pensar a nossa existência e nosso pensamento, a filosofia não apenas é como também provê a consciência crítica. (GOTO, 2007 p.67)

Desse modo, a possibilidade de relacionar o pensamento através de analogias, tal qual era de costume ser usada por Platão (427-347 a.C.) em seus diálogos, traz os aspectos filosóficos para um ambiente confortável para o entendimento do aluno.

A Filosofia dispõe de uma gama de pensamentos, reflexões, taxações, mitos (estabelecido pelos alunos), predisposição, criticismos, crenças e debates, que devem ser reavaliados e revistos para tornar a convivência aluno e professor saudável e produtiva.

## **5 RECOMENDAÇÕES METODOLÓGICAS**

### **5.1 ENSINO SEM COMPROMISSO**

Embora o choque que o subtema venha a causar, o grande problema da matéria no ensino médio ou que afeta a escola como um todo é o descaso do professor, quando se trata da Filosofia. A mistificação e a repugnância dos alunos são potencializadas quando nos deparamos com as metodologias adotadas pelos professores, tratada como uma matéria histórica a filosofia aplicada em sala de aula é totalmente voltada apenas para os filósofos e suas contribuições do que a respeito do pensamento crítico e analítico desenvolvido por cada um deles.

Outro aspecto que podemos destacar, é a dificuldade em se trabalhar conceitos com os alunos. Porém, o ápice do problema não está focado apenas nos alunos, mas também na insuficiência de mecanismos para atingir as perspectivas deles de forma que se interessem pelo conteúdo. Assim, já que a filosofia não se torna interessante para os alunos, o professor deve usar de todo o mecanismo de comparação ou analogias possíveis para tornar mais flexível os seus objetivos ao trabalhar determinados temas e conceitos.

Nas escolas quando se aborda o tema atualização metodológica do professor, de imediato, apresenta-se uma resistência do profissional inabalável, pois a maioria deles consideram uma afronta a sua carreira de educador ser considerado

arcaico ou antiquado, pressupondo que seus anos de sala de aula são suficientes para ligar com qualquer situação atual e futura.

É evidente que parte dos alunos presentes não se interessam pelo processo de conhecimento e estão ali apenas para obterem um *status* social chamado de “alfabetizados”. Podemos observar que nas aulas, de modo geral, os alunos não estão dispostos a participar de debates ou mesmo de aprenderem o que se passa no Brasil e no mundo, pois o grande objetivo é aprender ou decorar o suficiente para no dia da prova aplicar e obter uma nota que os leve a concluir seu ensino médio.

Porém, esse descompromisso dos alunos deve ser combatido com o interesse do professor em trazer uma nova abordagem do assunto proposto de forma dinâmica. Ao contrário disso, temos profissionais desmotivados ou não interessados em atingir os alunos de modo a auxiliar realmente no processo de educação e isso agrega ainda mais repugnância em relação a filosofia e afasta totalmente o interesse que o aluno possa vir a ter com a matéria, já que não parte da docência um ânimo ou estímulo pelo que está sendo trabalhado.

## 5.2 DINAMISMO DO ENSINO

Revolucionar o ensino não significa necessariamente ser um espetáculo ou usar recursos magníficos para que os alunos se interessem pelo o que se está trabalhando. Nas aulas ministradas ao longo do estágio criar um ambiente descontraído, questionador e envolvido em um debate de forma calorosa se tornou muito eficaz para atingir a atenção dos alunos.

O fato do assunto de filosofia não ter relação com seu cotidiano ou realidade vivenciada por eles, faz com que o ambiente fique tedioso e cansativo na visão dos alunos.

Trabalhar com esses alunos, debates e partindo de realidades próximas, utilizando exemplos que a eles sejam familiares faz com que o assunto se inicie em um campo bem superficial e básico partindo de conhecimentos do senso comum e assim o professor pode elevar o nível das indagações, com a finalidade de fazer com que o assunto seja introduzido no debate de forma gradativa e abrangendo sempre o entendimento ao qual seja acessível ao aluno.

Analisar conceitos, requer um embasamento qualitativo e não quantitativo ao tempo que se trabalha analogias da vivência dos alunos. Isto deve ser estabelecido por uma ligação entre o conceito trabalhado e a analogia utilizada, tal qual Padre Antônio Vieira (1608-1697) utiliza no sermão da sexagésima em 1655 na Capela Real de Lisboa, ao utilizar a metáfora da árvore para explicar quais os processos para um bom sermão.

Com isso se percebe que não é necessariamente obrigatória a utilização de slides, projeções, vídeos ou figurações para que se tenha um dinamismo em sala, o importante é que independente de qual for o mecanismo utilizado pelo professor, o objetivo deve sempre ser “abrir as portas” para que o entendimento seja alcançado. O diálogo entre aluno e professor é o viés mais curto para alcançar o objetivo da docência que é o conhecimento.

Platão definia a filosofia como um saber verdadeiro que deve ser usado em benefício dos seres humanos para que vivam numa sociedade justa e feliz. Descartes dizia que a filosofia é o estudo da sabedoria, conhecimento perfeito de todas as coisas que os humanos podem alcançar para o uso da vida, a conservação de saúde e a invenção das técnicas e das artes com as quais ficam menos submetidos às forças naturais, as intempéries e aos cataclismos. Kant afirmou que a filosofia é o conhecimento que a razão adquire de si mesma para saber o que pode conhecer o que pode fazer e o que pode esperar, tendo como finalidade a felicidade humana. Marx declarou que a filosofia havia passado muito tempo apenas contemplando o mundo e que se tratava, agora, de conhecê-lo para transformá-lo, transformação que teria justiça, abundância e felicidade para todos. Merleau-Ponty escreveu que a filosofia é um caminho árduo e difícil, mas, que pode ser percorrido por todos se desejarem a liberdade e a felicidade. (CHAUÍ, 2012, p.26).

Se tantos filósofos, tratam a filosofia com tanta importância é porque esses saberes possuem alguma importância para a vida humana, alguns deles chegam a ressaltar a importância da filosofia para revolucionar o mundo e modificar os pensamentos e é exatamente esta filosofia que devemos propor ao ensino médio, uma filosofia emancipadora e libertadora, capaz de transformar o aluno em um ser de atitudes e críticas. Para alcançar esse *status* devemos observar que o diálogo possui os mecanismos e características mais adequados para alcançar o saber filosófico.

Portanto, os mecanismos informatizados devem agregar valores a essa metodologia sem “escravizar” o professor, a inferência de quem está à frente da sala é exponencialmente mais importante do que o recurso que ele dispõe. Prender-se as metodologias podam as capacidades de criação ao qual o professor pode caminhar, para assim conduzir debates e linhas de raciocínios para o objetivo que ele possua com relação ao entendimento do assunto proposto.

## **6 CONCLUSÃO**

Em virtude do que foi mencionado ao longo deste trabalho, percebemos que as questões metodológicas voltadas para os métodos de ensino estão longe de ser solucionados por definitivo. No entanto, face ao que foi observado nas aulas ministradas a abordagem da vivência dos alunos atrelados aos conceitos filosóficos é facilmente assimilada por eles, pois partem do senso comum da experiência de vida de cada aluno.

Os alunos atualmente carecem de reflexões opinativas, análises críticas e o olhar atento as informações pautada pela mídia em geral ou qualquer outro meio de informação moldam seu pensamento sobre o mundo. A filosofia com suas indagações sobre os mais diversos temas pode trazer esse aspecto crítico aos alunos.

Os mecanismos que o professor dispõe hoje para agregar valores a suas aulas é absurdamente abrangente e deve ser bem utilizada. A escolha de um mecanismo requer amplo domínio de sua utilização e uma boa preparação para seu uso, porém, o professor deve ser o incentivador mais importante do debate.

Infelizmente, não há nenhum interesse proativo da escola em elevar o senso crítico dos alunos de modo geral, já que o mesmo apenas precisa marcar gabaritos e não desenvolver linhas de raciocínio. As atuais formas de avaliação e o modelo de seleção universitária utilizada no Brasil, enfatiza apenas a aprendizagem como mecanismo para resolução de avaliações, robotizando o ensino como um todo.

Metodologicamente, o trabalho desenvolvido pelos professores na tentativa de criar eventos que de certo modo integrariam o saber, acabam não sendo

eficientes, pois uma palestra por si só não é capaz de produzir efeito nos alunos sem que exista um exercício posterior. Diante da observação das aulas ministradas, pode-se perceber que o eficaz seriam os debates, as discussões a respeito do tema trabalhado, afim de desenvolver o senso crítico e aguçar o pensamento.

Gincanas, Feira de ciências e Mostras Pedagógicas aos poucos estão desaparecendo e praticar o conhecimento nas escolas agora estão ficando restritos apenas a um momento que dura entre 30 e 50 minutos frente a uma folha com perguntas objetivas, ou seja, não existe um progresso tão pouco um esforço para que os campos de debates existam e aos poucos os professores estão sucumbindo a esse modelo educacional.

A medida em que existem críticas, existe a falta de iniciativa para mudança da realidade presente, pois muito se fala sobre os inúmeros aspectos negativos do que existe na escola, mas pouco ou nenhuma ação é produzida para reverter a situação a qual permanece o ensino.

Embora a prática seja diferente da teoria, os processos didáticos devem ser levados em consideração e são de extrema importância para estruturar as aulas. Os professores acomodados, recusam-se a atualizar ou adaptar seus mecanismos pedagógicos para alcançar patamares mais elevados, colocando como justificativa os salários baixos ou o não reconhecimento do seu trabalho.

Desta maneira conclui-se que é necessário a adaptação da didática utilizada em sala de aula afim de atrair a atenção dos alunos para o conteúdo de Filosofia, tendo em vista que a disciplina já foi muito lesada ao longo do tempo, uma atualização na didática pode trazer a Filosofia de volta para o ambiente escolar de uma forma sadia e produtiva, na mesma medida que eleva o senso crítico do aluno.

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze the points observed in the classes attended and taught, bringing with it a critique on methods of teaching, conditions of education, the presence of the teacher in the classroom, didactics and arrangement of the students with the philosophical issues. The vision of the philosophy has undergone modifications and gradually turns to the curricula of schools, which is an arduous task for the teacher and that should be seen as a major challenge, because the field of philosophy has been much abused in schools both within school-teacher and under teacher-student. The criticism about philosophy in high school must be fought with the good performance of the teacher related to the critical thinking, philosophical reflections, questioning of various topics, among other things that the philosophy contributes toward the construction of thought. On this basis was analyzed the aspects textbooks and materials used by the teacher when teaching their classes and related to the didactics studied currently, the experiences in the classroom were analyzed as a reflection of the work done throughout the year and observe if the teaching method has reached the goals of the teacher.

Key words: Philosophy. Teaching. The school.

## REFERÊNCIAS

CALAFATE, Pedro / FRANCO, José Eduardo. **Obra Completa Padre António Vieira - Sermões da Sexagésima e Sermões da Quaresma Tomo II**. Editora: Loyola, 2014. Vol. II

CHAUÍ, M. **Iniciação à filosofia**. São Paulo, Ática, 2012

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996

GASPARELLO, Arlete M. **A questão do ensino da Filosofia no 2 grau**. Niterói: UFF, 1986. (Dissertação de mestrado).

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

PAVIANI, Jayme. **Platão e a educação**. Belo Horizonte: autêntica, 2008.

PILETTI, Claudino. **Didática geral**. 24º Ed. São Paulo. Editora: Ática, 2010.

RODRIGO, Lúcia Maria; GOTO, Roberto & SILVEIRA, René José Trentin. **Filosofia no Ensino Médio – Temas, Problemas e Propostas**. Loyola, 2007.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Ciência Humanas e suas Tecnologias**. Vol. 3 Brasília: Ministério da Educação, 2006. 133p. (Orientação Curricular para o Ensino Médio).